

## CIBERJORNALISMO: DESAFIOS, DILEMAS E POTENCIALIDADES



Gerson Luiz Martins (UFMS)<sup>1</sup>  
Helder Prior (UFMS)<sup>2</sup>  
Marcos Paulo da Silva (UFMS)<sup>3</sup>

O jornalismo que se produz no século 21 está sustentado pelas tecnologias que buscam ampliar a audiência, melhorar a contextualização e atingir públicos estratégicos, como aqueles que manipulam no cotidiano dispositivos móveis e se cercam de *softwares* que promovem a comunicação pessoal e dialógica. Esta edição especial, dossiê sobre **Ciberjornalismo**, busca promover e debater temas que tratam dos desafios, dos dilemas e das potencialidades narrativas que emergem das imbricações com as redes sociais na Internet, com as bases de dados, com a ubiquidade, com o design dos cibermeios e com os ajustes ao *mobile journalism*, por meio dos sistemas de publicações, bem como consolidar a importância do jornalismo para os impactos sociais e tendências tecnológicas.

---

<sup>1</sup> Gerson Luiz Martins é doutor em Jornalismo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: [gerson.martins@ufms.br](mailto:gerson.martins@ufms.br) | <https://orcid.org/0000-0001-7681-7832>

<sup>2</sup> Helder Prior é doutor em Comunicação (U. Beira Interior). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: [helder.prior@gmail.com](mailto:helder.prior@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0001-8971-3469>

<sup>3</sup> Marcos Paulo da Silva é doutor em Comunicação (UMESP). Professor Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: [marcos.paulo@ufms.br](mailto:marcos.paulo@ufms.br) | <https://orcid.org/0000-0003-2868-4865>

Considera, ainda, que a formação do jornalista, em tempos de *hardware* e *software* ubíquos, tem desafios ampliados para o desenvolvimento e para melhorias na captação do público jovem.

Quando se aborda as interfaces e os desafios do jornalismo e das tecnologias digitais, no emaranhado contemporâneo da revolução digital e da evolução geométrica das propriedades digitais proporcionadas pela Internet, há inúmeros desafios e uma profusão de matizes. O jornalismo se transformou e muda a cada instante. A cada hora uma nova tecnologia que, se não é adotada pelo jornalismo, lhe é imposta pela sociedade, quase que “goela abaixo”. Ou o jornalista apreende rapidamente os recursos das tecnologias – sim, tecnologias, no plural! –, pois não podemos falar de tecnologia, são inúmeras; ou não consegue cumprir com a responsabilidade social de sua atividade. Com o incremento das tecnologias digitais e, neste âmbito, principalmente das mídias sociais, cada vez mais personalizadas e fragmentadas, o jornalismo, e também o jornalista, tem um novo papel, uma nova função; migra do produtor e difusor de conteúdo para o curador da notícia. A sociedade além de consumir notícia – a informação jornalística – também a difunde; e o faz de maneira desordenada e descentralizada. A customização ou personalização (LORENZ, 2014), uma das características do **Ciberjornalismo**, é realizada por essa sociedade *prossumidora*. Uma charge publicada recentemente, em espanhol, nesta perspectiva da customização, da personificação da informação jornalística, expressa muito bem um mal da sociedade contemporânea: a disseminação social de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa, as populares “*fake news*”. Nessa charge, onde aparecem uma filha e o seu pai diante do computador, a personagem alerta “*no papá... esa es una noticia falsa*”; e o pai contesta e responde “*pero ... como va a ser falsa si disse justo lo que yo penso?*”! Ou seja, como questionar uma informação quando ela vai ao encontro, justamente, das crenças e das opiniões dos indivíduos? Não por casualidade, psicólogos chamaram a atenção para o decisivo papel das crenças e das emoções na propagação de *fake news*. Na chamada “era da pós-verdade”, não interessa se as informações são verdadeiras ou plausíveis de verificação, uma vez que os indivíduos estão, essencialmente, interessados em corroborar uma certa visão do mundo e em partilhar informações que vão ao encontro das suas próprias expectativas, estereótipos ou preconceitos. Por outro lado, o consumidor de notícias, no ambiente digital, se torna produtor e difusor de conteúdos, o que aumenta as dificuldades em distinguir fatos de opiniões sobre os fatos, bem como notícias de informações mal intencionadas (*mal-information*), descontextualizadas ou imprecisas (*mis-information*), ou deliberadamente falsas e com o claro propósito de enganar a opinião pública (*des-information*) (Wardle, 2017).

A identificação deste *prossumidor* se caracteriza, nas palavras de LORENZ (2014), com a agregação, “uma forma de personalização e de resposta às novas necessidades das audiências”. No ambiente do **Ciberjornalismo**, portanto, pode ser considerado todo o jornalismo no contexto contemporâneo, conforme destacou Leão Serva em conferência no 7º Congresso Internacional de Ciberjornalismo realizado, em 2016, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS ([ciberjor.ufms.br/ciberjor7/anais/](http://ciberjor.ufms.br/ciberjor7/anais/)). Ou seja, não se trata mais hoje da existência de um **Ciberjornalismo**, já que todo o jornalismo atual é **Ciberjornalismo**. Neste cenário, a relação com as tecnologias digitais, seja no âmbito da produção ou da difusão se torna complexa, pois não é mais o jornalista que atua unicamente neste contexto, a despeito da qualidade, veracidade e do rigor da apuração jornalística. Assim, como afirma LORENZ (2014), “a questão premente em todo o mundo e? como manter-se relevante, manter a ética jornalística”.

Os artigos publicados neste dossiê destacam e discutem a realidade da sociedade digital, que, aliás, não é mais digital, é a sociedade, tal a imbricação entre a comunicação, as tecnologias e os indivíduos nas práticas sociais hodiernas. Cabe destacar neste dossiê os artigos de dois nomes de referência obrigatória nos estudos de **Ciberjornalismo**, os pesquisadores Mark Deuze e John Pavlik. Com efeito, Deuze e Tamara Witschge abrem o dossiê com uma instigante reflexão teórico-metodológica sobre a abordagem dos novos objetos de estudo do jornalismo e da comunicação. Pavlik, por seu turno, avança na discussão, a mostrar que abordar cientificamente o ciberjornalismo vai muito além da projeção de categorias analíticas outrora consagradas no jornalismo que tornou-se hegemônico na modernidade.

As reflexões em torno do ciberjornalismo são retomadas, desde uma perspectiva ensaística, por Träsel. Em “Continuidades e Rupturas: relendo um texto fundamental sobre ciberjornalismo”, o pesquisador discute a proposta apresentada por Marcos Palácios em 2003 e apresenta uma atualização das características do **Ciberjornalismo**.

Lenzi e Martins partem de uma reflexão que envolve os conceitos de jornalismo regional, ciberjornalismo e jornalismo nativo digital para analisar o jornal *Campo Grande News*, do estado de Mato Grosso do Sul. Jornalismo regional e convergência que são, igualmente,

temas abordados por Lúdia Salomé Morais e Letícia Pereira. As autoras buscam compreender como se manifesta o fenômeno da convergência em jornais regionais de Portugal, as autoras oferecem, ainda, um panorama acerca do modo como os profissionais são afetados pelas transformações no campo jornalístico.

Em seguida, o artigo “Tempo e temporalidade no jornalismo: redação convergente e cultura jornalística”, de Thaís de Mendonça Jorge, parte das várias temporalidades que convivem no jornalismo contemporâneo para discutir o fenômeno da redação convergente.

“O uso de *affordances* no jornalismo móvel: um panorama dos principais aplicativos de notícias brasileiros”, é o tema do trabalho de Liesen e Amarante. Os autores partem da discussão sobre o jornalismo nativo digital, e observa dez aplicativos de notícias no sentido de identificar potencialidades e recursos ao dispor dos utilizadores. O estudo aponta que os usuários têm pouca liberdade de escolha e que os dez aplicativos com mais *downloads* na Google Play oferecem uma variedade limitada de recursos.

O dossiê prossegue com a discussão em torno do jornalismo regional. Ivone Oliveira e Jeane Moreira refletem sobre o conteúdo das séries de *storytelling* *Vozes de Mariana* e *Vozes de Brumadinho*, produzidas pelo jornal *Estado de Minas*. O estudo sugere que o jornal utilizou texto, som, imagem, movimento, multimídia e transmidialidade para produzir as séries sobre os rompimentos das barragens.

Por fim, o último texto do dossiê, “Assédio nas plataformas digitais: estudo das relações de trabalho das jornalistas do MA”, de Thaisa Bueno, Michelly Carvalho e Janaina Amorim, analisa o papel das plataformas digitais nas situações de assédio.

O dossiê sobre Ciberjornalismo da revista *Esferas* se torna um referencial importante quando marcamos 25 anos de jornalismo na internet no Brasil: desde os primórdios do Jornal do Brasil e do Jornal do Comércio, em 1995, até os aplicativos e páginas web dos jornais totalmente digitais de 2020. Os editores agradecem a todos os autores que colaboram neste número sobre Ciberjornalismo, bem como a todos os pesquisadores que ajudaram na avaliação dos vários trabalhos de qualidade submetidos. Obrigado e boa leitura!

